

HISTÓRIA DA LOUCURA E O MODO DE PENSAR FOUCAULTIANO: A COMPREENSÃO DO PRESENTE POR MEIO DO RECURSO À HISTÓRIA

MARCO AURÉLIO DE LIMA¹

RESUMO

O presente artigo se propõe a apresentar aspectos do pensamento de Michel Foucault e trazer uma discussão a respeito de sua obra "História da Loucura na Época Clássica". Assim, procura-se mostrar como o raciocínio foucaultiano é caracterizado pelo recurso à história como forma de problematizar aquilo que num determinado momento histórico é tido como evidente e inquestionável. No livro "História da Loucura" o autor mostra como a concepção da loucura como doença mental é uma construção que coincide com a apropriação do sofrimento mental pela medicina e pelo surgimento da Psiquiatria.

Palavras-chave: Michel Foucault; loucura; instituição psiquiátrica; reforma psiquiátrica.

ABSTRACT

This article aims to present aspects of Michel Foucault's thought and discuss his work "History of Madness in the Classical Age". Thus, we seek to show how Foucauldian reasoning is characterized by the use of history as a way of problematizing what at a given historical moment is considered evident and unquestionable. In the book "History of Madness" the author shows how the conception of madness as a mental illness is a construction that coincides with the appropriation of mental suffering by medicine and the emergence of Psychiatry.

Keywords: Michel Foucault; madness; psychiatric institution; psychiatric reform.

¹ Psicólogo, formado pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, com mestrado e doutorado pela mesma instituição. Atua como docente na Strong Business School e como psicanalista em consultório particular.

PREÂMBULO

Escrever sobre o livro *História da Loucura* é um grande desafio. Seja pela quantidade de informações que Foucault traz em seu livro, seja pela densidade de seu pensamento. A leitura do texto Foucault para usar uma expressão do próprio autor, é um convite “a pensar diferentemente”. Ler Foucault não é apenas agregar novas informações sobre um assunto, mas é questionar o nosso próprio modo de pensar. À medida que conseguimos mergulhar na radicalidade de sua escrita, nos damos conta de que não se trata de uma leitura inócua. Não saímos da mesma maneira ao terminar um livro desse autor.

O título do trabalho sobre o qual nos debruçaremos por si só já é uma provocação: *História da Loucura*. O nome do livro causa um certo estranhamento. Talvez hoje um estranhamento um tanto atenuado pelos próprios efeitos da eficácia dos argumentos foucaultianos, mas que vale a pena ser retomado. Considerando um certo conhecimento contemporâneo que toma a loucura como patologia, poder-se-ia perguntar: como assim história da loucura? Loucura tem história? Faz sentido se perguntar sobre a história do aneurisma? Ou sobre a história da insuficiência cardíaca? Loucura, aneurisma ou insuficiência não são fatos médicos e que, portanto, independem do contexto histórico em que se dão? Eis a primeira instigação, o primeiro atijamento presente já na capa do livro.

Sob o efeito desse desentendimento desconcertante e ao mesmo tempo sedutor está a perspectiva metodológica da Foucault que procura produzir uma problematização daquilo que se apresenta a nós como evidente e óbvio.

Vale a pena mergulhar na leitura da “*História da Loucura*”. Embora trate-se de uma leitura difícil, a apreensão do texto pode ser facilitada na medida em que compreendemos a perspectiva em que Foucault toma o tema. O ângulo do olhar de Foucault não é aquele que vê nos conhecimentos e na ciência o desenvolvimento gradual, linear e triunfante de um saber que finalmente alcançou a verdade sobre seu objeto de estudo. Foucault toma textos literários, documentos e descrições a respeito da loucura para operar uma *análise dos discursos*. É um olhar metodológico que permite um estranhamento e uma desnaturalização dos

saberes. Mostra a construção das convicções e do sentimento de evidência presente nas práticas e atitudes em relação à loucura.

1. VISÃO PANORÂMICA SOBRE O PENSAMENTO DE FOUCAULT

“Sobre o trabalho de um intelectual, eu diria também que é útil de certa maneira descrever aquilo-que-é fazendo-o aparecer como algo que poderia não ser, ou que poderia não ser como é. É por isso que essa designação ou descrição do real nunca tem um valor prescritivo do tipo ‘porque isto é, aquilo será’. É também por isso, na minha opinião, que o recurso à história [...] é significativo na medida em que ela serve para mostrar que aquilo-que-é não foi sempre, i.e., que as coisas que nos parecem mais evidentes são sempre formadas na confluência de embates e acasos, durante o curso de uma história precária e frágil. É perfeitamente possível mostrar que o que a razão percebe como sua necessidade, ou melhor, o que diferentes formas de racionalidade oferecem como seu ser necessário, tem uma história e a rede de contingências da qual isso emerge pode ser investigada. O que não significa dizer, no entanto, que essas formas de racionalidade foram irracionais. Significa que elas residem na base da prática humana e da história humana; e que, uma vez que essas coisas foram feitas, elas podem ser desfeitas, contanto que saibamos como foram feitas” (FOUCAULT apud OKSALA, 2011 - p. 13; FOUCAULT, 1983/2000 - p. 325)

Perspectiva. Talvez seja disso que se trata quando lemos o termo “história” na escritura foucaultiana. Refere-se ao movimento de ganhar distância em relação a compreensão atual daquilo que se quer estudar; contornar a evidência familiar do que se sabe sobre um determinado objeto, como por exemplo, a loucura ou a sexualidade. Foucault não produz uma história como finalidade em si mesma; seu objetivo principal não é a compreensão de períodos pretéritos, mas a apreensão do tempo contemporâneo. Ele usa a história como recurso para entender o período em que vivemos. Seus

livros são “histórias do presente”, como ele mesmo os caracteriza.

Foucault em suas análises históricas procura fazer ressurgir os *acontecimentos*, entendendo estes como processos de ruptura, mudança ou descontinuidade. Procura descrever as situações e contextos históricos de modo a configurar as condições de possibilidade dos saberes e práticas sociais.

É fazendo comparações que Foucault desenvolve seu pensamento. Para entender a exclusão da loucura na contemporaneidade, ele nos remete à experiência de liberdade e errância do louco no Renascimento. Para estudar a noção recente de “sexualidade”, ele nos transporta para a Antiguidade Clássica ou para os primeiros anos do Cristianismo para pensarmos as diferentes constituições da noção de desejo. Assim, é possível dizer que Foucault estuda fazendo comparações, com uma finalidade específica que é a de justamente destacar a *diferença*. Para retomar uma fórmula da professora Marlene Guirado (2010), trata-se de “*pensar pelo contraste*”. Com isto seu estudo destaca o aspecto historicamente contingente e aleatório do que se pensa e do que se faz hoje, facultando um efeito de estranhamento ao nosso olhar já bastante familiarizado às verdades consolidadas.

Foucault mostra como aquilo que consideramos óbvio e necessário emergiu de uma rede de práticas humanas, de relações sociais, de jogos de força, de relações de poder. Uma maneira eficiente de problematizar a inevitabilidade de práticas sociais naturalizadas é justamente investigar sua história. Trata-se de mostrar, como diz Foucault, como “aquilo-que-é” poderia ser diferente. Isto expõe novos modos de pensar, perceber e viver.

Esta rede de relações sociais, que produz saberes e vice-versa, eram também entendidas por Foucault como *práticas discursivas* ou simplesmente *discurso*. Foucault entende a noção de discurso, não apenas como um conjunto de enunciados, mas principalmente como acontecimento, como ação. Isto significa uma concepção de discurso que implica necessariamente outra noção: a de poder.

Quando Foucault (1976/2003) se põe a pensar o conceito de poder ele não visa definir sua essência. Esta noção para ele tem uma função metodológica. É um conceito por meio do qual ele vai poder produzir suas análises. Ele não se

preocupa em pensar o que é o poder, mas sim, como ele se exerce e que efeitos produz ao fazê-lo. É um dos conceitos que compõe a sua “estratégia de pensamento”, como diria Marlene Guirado (2010).

O poder seria o nome dado ao jogo que coloca indivíduos em relação. Seria uma correlação de forças, uma dimensão de toda e qualquer relação (GUIRADO, 2010). O termo poder designaria interação entre parceiros, um conjunto de ações que se induzem e se correspondem umas às outras (FOUCAULT, 1982/2014b).

O poder seria na verdade uma ação de alguém sobre a ação de outrem. Ele agiria sobre um campo possível de ações, direcionando, apoiando, desviando, restringindo, delimitando, mas nunca anulando a possibilidade de reação do outro. O poder implica sempre resistência. Ou seja, um ponto onde determinada força pode se apoiar. Sem resistência não há poder. Ao mesmo tempo, para que haja poder é necessário que ambas as partes possam reagir, ou seja, para que o poder possa se configurar é necessário que haja liberdade. Uma ação que agisse sobre um corpo, que força, destrói, fecha todas as possibilidades, não seria mais poder e sim uma relação de violência.

Para que uma relação de poder possa ser considerada como tal, uma condição é necessária: “que se abra, diante da relação de poder, todo um campo de respostas, reações, efeitos, invenções possíveis” (FOUCAULT, 1982/2014b – p. 133). Eis um aspecto fundamental da noção de poder segundo este autor: o poder não seria apenas repressivo ou restritivo, mas ele também traria uma dimensão produtiva. O poder também implicaria *criação*.

Pode-se dizer assim que estes estudos de Foucault se inserem em certa tradição kantiana na medida que uma das questões centrais de seu trabalho teria sido a questão: “Quem somos nós hoje?” (segundo Foucault, no texto “O que é o esclarecimento?” Kant teria instaurado uma nova tarefa para a filosofia, qual seja, a de realizar uma análise crítica, um diagnóstico do mundo em que vivemos). Ao se colocar este objetivo, o pensamento de Foucault visa estabelecer novas formas de liberdade.

“O que eu gostaria também de dizer, a propósito dessa função do diagnóstico

sobre o que é a atualidade, é que ela não consiste simplesmente em caracterizar o que somos, mas segundo as linhas de vulnerabilidade da atualidade, em conseguir apreender por onde e como isso que existe hoje poderia não ser mais o que é e é nesse sentido que a descrição deve sempre ser feita de acordo com essa espécie de fratura virtual, que abre um espaço de liberdade, entendido como espaço de liberdade concreta, ou seja, de transformação possível.” (FOUCAULT, 1983/2000 – p. 325)

Talvez não seja ousado dizer, portanto, que um dos principais objetivos de Foucault foi a de “saber em que medida o trabalho de pensar sua própria história pode liberar o pensamento daquilo que ele pensa silenciosamente, e permitir-lhe pensar diferentemente.” (FOUCAULT, 2012 – p. 16)

2. HISTÓRIA DA LOUCURA

Foucault ao escrever o livro História da Loucura mostra estar se desvinculando de uma corrente filosófica muito forte naquele período na França, a Fenomenologia. Esta perspectiva buscava a intuição do *fenômeno* (noção kantiana que diz respeito àquilo que se apresenta à percepção humana) a partir da experiência individual. Foucault abdica de uma concepção em que, para se compreender a loucura seria necessário levar em conta a experiência vivida do louco, para outra em que afirma a necessidade de um estudo histórico das diferentes possibilidades de experiência da loucura facultada pela sociedade num determinado momento.

Foucault vai então buscar configurar as condições históricas da experiência da loucura, estudando não as vivências pessoais, mas sim: as práticas sociais em torno da loucura, as categorias que permitiriam classificar o louco, os conceitos que vão defini-lo como uma coisa ou outra. O autor mostra que estes aspectos não são imutáveis, ao contrário, eles variam de acordo com o período histórico que se deseja focar.

Assim, podemos dizer que Foucault procura estudar um certo conjunto múltiplo de forças (constituídas por práticas sociais, sistemas de classificação, estruturas de pensamento, ou seja, discursos) que incidem sobre a loucura e a tomam

como alvo. Mas não apenas isto. Ele também procura pensar como o louco se insere nesse jogo, como ele pode se reconhecer a partir destes olhares e, principalmente, como ele pode se opor ou *reagir*.

É possível dizer que Foucault estabelece a si uma espécie de princípio metodológico (nesse momento ainda em estado nascente e que vai se tornar posteriormente aquilo que ele denominou de *genealogia*) de não focar nas experiências pessoais (experiências em primeira pessoa) para entender a chamada doença mental. Seria necessário na verdade estudar: as relações de poder que aprisionam a loucura; as concepções ou teorias científicas circundantes na sociedade; as práticas concretas de exclusão ou “tratamento”. (OKSALA)

Como dissemos anteriormente, para compreender a situação da loucura na modernidade Foucault recorre a comparação com outros períodos históricos. Desta maneira, somos levados, no início do livro ao Renascimento. Neste período a loucura era uma experiência cotidiana que se procurava mais exaltar do que dominar. Não havia hospital ou prisão para o louco, ele vivia solto, era um errante, por vezes, expulso das cidades, entregue aos comerciantes e marinheiros.

A loucura fazia parte do dia a dia e não se buscava erradicá-la da existência humana e da sociedade. Embora pudessem ser eventualmente excluídos, os loucos não eram socialmente temidos ou perseguidos. Reconhecia-se, ao contrário, que a loucura representava um tipo especial de sabedoria, mesmo que um saber fechado, mas um saber sobre a condição humana. Como afirmou Foucault, o mundo do começo do século XVII é um mundo hospitaleiro para com a loucura. “Ela ali está presente, no coração das coisas e dos homens, signo irônico que embaralha as referências do verdadeiro e do quimérico [...]” (FOUCAULT, 2003 - p. 44)

Até cerca de 1650 (FOUCAULT, 1975) a loucura é experimentada em estado livre, ela circula, ela faz parte da paisagem e do imaginário social. No âmbito estético aparece aclamada em sua natureza secreta, como por exemplo no poema de Brant ou nos quadros de Bosch ou Bruegel. A poesia ou a pintura davam cores e contornos à figura ao mesmo tempo alegórica e real do navio que carregava uma carga curiosa, qual seja, um

grupo de insanos. Trata-se da Nau dos Loucos. Tais obras representavam o costume de algumas cidades europeia de colocar os loucos para o lado de fora de suas fronteiras, fazendo-os circular pelos campos distantes ou então entregá-los aos barqueiros, marinheiros e comerciantes.

Acontecimento. Este é sem dúvida um dos focos principais da análise de Foucault, análise esta que revela sua faceta de historiador. A análise que Foucault apresenta das práticas sociais, das instituições, das artes, da filosofia, visa destacar o que existe de ruptura e de descontinuidade em um determinado momento histórico. Na medida em que faz uma comparação entre períodos diferentes, Foucault permite evidenciar a *diferença*, o que de *novo irrompe* em um determinado momento, ou seja, o inesperado, o *inusitado* que aflora. Trata-se de decalcar aquilo que de *singular* que está em processo de emergência. Uma singularidade histórica que não é uma inevitabilidade, que não é uma consequência lógica; que não é a única que era possível; mas ao contrário: uma *singularidade* que é fruto do entrelaçamento de *determinações* complexas.

Fazer este tipo de análise corresponde a que mais tarde Foucault vai chamar de “restituir ao discurso seu caráter de acontecimento” (FOUCAULT, 2002 p. 51). Na História da Loucura, Foucault mostra a instauração de novas condições históricas de possibilidade da experiência da loucura na época clássica (século XVII e XVIII) e na modernidade.

Ao colocar “lado a lado” dois planos históricos diferentes, ou seja, o Renascimento e a Época Clássica, permite evidenciar uma brusca mudança. Se antes o louco circulava livremente e a loucura fazia parte do imaginário social, em meados do século XVII o horizonte que se apresenta agora é o da exclusão. A loucura vai ser expurgada do campo da razão e o louco vai ser retirado da sociedade e encarcerado.

Em 1656 tem-se a criação do Hospital Geral por Luís XIV, símbolo de uma forma de relação de poder que vai incidir sobre a loucura. Estes hospitais não aparecem apenas na França. Ocupando os antigos leprosários, estes hospitais gerais se espalharam por toda Europa. Estas casas

não eram instituições médicas, não se é admitido aí para ser tratado, mas porque não se pode ou não se deve mais fazer parte da sociedade. Este *acontecimento* é chamado por Foucault de *Grande Enclausuramento* (FOUCAULT, 1975; 2003).

Este fenômeno pode ser entendido como uma mudança abrupta e radical no modo como o louco era percebido e tratado. De abandonados a uma existência relativamente livre, ele passa a ser confinado nessas casas de detenção. Trata-se de um processo de internação em uma escala sem precedentes. Poucos anos depois da criação do Hospital Geral de Paris ele já contava com 6 mil internos, 1% da população total da cidade (FOUCAULT, 2003 – p. 51).

Se no Renascimento a loucura ainda pode ser considerada como parte da razão (como um saber, um saber difícil, hermético, esotérico, um saber trágico que prediz o fim do mundo, a felicidade ou o castigo supremo), na Época Clássica ela vai ser destituída destas características. A razão (instância de verdade e moralidade) aos poucos vai confiscando os poderes da loucura e conduzindo-a a seu silenciamento.

Neste momento, “um estranho golpe de força” (FOUCAULT, 2003 – p. 45) vai produzir a exclusão da loucura da ordem da razão. René Descartes, ao se colocar a tarefa de conceber uma ciência de caráter universal e imune às mudanças dos tempos, estabelece como procedimento de busca, o caminho da dúvida. Suspende-se as convicções em relação há tudo aquilo que se puder duvidar, até que se encontre uma certeza inquestionável, um solo firme sobre o qual se poderá construir com segurança o edifício do conhecimento (DESCARTES, 1973).

Este processo de busca de fundamentos irrefutavelmente lógicos para a verdade só pode se dar por meio do pensamento. Este (o pensamento) seria a essência do humano para o autor. É o pensamento, ou a razão, que vai permitir que diante do engodo produzido pela ilusão dos sentidos ou pela fantasia do sonho e da imaginação, ainda assim, não se tome o falso pelo verdadeiro (DESCARTES, 1973).

É a convicção do louco, ou melhor, sua não capacidade de perceber como ilusão a ideia de que seu corpo é feito de cristal, ou a de ser rei, enquanto na verdade é muito pobre, o critério escolhido por Descartes para considerar o louco

como desprovido de racionalidade. A loucura, para o filósofo francês, “é justamente a condição de impossibilidade do pensamento” (FOUCAULT, 2003 – p. 46). Dizendo de outra maneira, se alguém pensa não pode ser louco, se alguém é louco, não pode pensar.

Se para Descartes o entendimento ou o pensamento eram justamente a essência do humano, a loucura não vai mais ser concebida como parte constituinte da existência humana e integrante da razão. A loucura se torna o oposto da razão. Assim, pode-se dizer que os loucos não eram apenas confinados fisicamente em instituições isoladas e excluídos da sociedade, sofriam também uma exclusão do campo da humanidade e do domínio da razão.

No entanto, enganamo-nos se pensarmos que o Grande Enclausuramento incidiu apenas sobre a figura do louco. A internação delineou toda uma massa de indivíduos que tinham como elemento comum o fato de violarem as normas e princípios do mundo burguês em processo de constituição. Se na Idade Média o pecado maior eram a avidez ou o orgulho, neste mundo clássico é a ociosidade que se caracteriza como o vício inaceitável. Assim, “é a incapacidade em que se encontram de tomar parte da produção, na circulação ou no acúmulo das riquezas” (FOUCAULT, 1975 – p. 79) os aspectos que define a população de moradores do hospital, no meio da qual o louco estará sem se distinguir. O Grande Enclausuramento marca o nascimento de uma moral do trabalho que deve reger os indivíduos e funcionar como o principal antídoto contra a pobreza.

Anteriormente dissemos que o conceito de poder para Foucault implica um jogo ou uma correlação múltipla de forças que, na medida em que se antagonizam ou se apoiam, produzem discursos, saberes ou mesmo subjetividades. É justamente a oposição à ética do trabalho feita por um conjunto de pessoas muito diferentes entre si (aos nossos olhos atuais) que vai permitir defini-lo como sendo um mesmo grupo indistinto de indivíduos e direcioná-los ao confinamento. Pode-se dizer que a Grande Internação produziu um amálgama de elementos heterogêneos. Esta correlação de forças (constituída pelo antagonismo entre a ética burguesa e o indivíduo não produtivo) engendra um OUTRO da sociedade, aquele que estaria do lado de fora da razão e da moral (MACHADO, 2007).

Esta massa de internos é oriunda de quatro domínios diferentes:

1° domínio (diz respeito ao âmbito da sexualidade e compõe a maior parte dos internos)

- doente venéreo (que adquiriu o mal fora de casa)
- sodomita
- prostituta
- devasso, imoral, obscuro
- pródigo (promíscuo)
- ligação inconfessável
- casamento vergonhoso.

2° domínio (antes considerados profanação do sagrado)

- blasfemador
- suicida
- mago, feiticeira(o), bruxo(a)
- alquimista

3° domínio

- libertino (caracterizado por insubmissão, ausência de subordinação)
- irracional (subordinação da razão à não-razão dos desejos)

4° domínio

- o louco, a loucura (MACHADO, 2007)

O louco é percebido não em sua especificidade e particularidade, mas dissipado em uma massa de pessoas. O que unifica essas categorias heterogêneas seria aquilo que Foucault chamou de experiência de DESRAZÃO (ausência total de razão). A desrazão era conferida ao indivíduo não pelo conhecimento médico, mas por uma percepção social produzida por diversas instituições da sociedade (polícia, justiça, família, igreja). Portanto, é possível dizer que o processo de internação é estruturado pela **razão** e pela **moral**.

Isto constitui uma percepção da loucura enquanto desordem dos costumes e negatividade do pensamento. É nesta realidade que a loucura se dissemina (se mistura, perde identidade)

(MACHADO, 2007). Pensar a loucura como experiência de *desrazão* é pensá-la como mesclado a todos os outros três domínios. Neste mundo correccional, a loucura está presa e misturada a um mundo de erros, crimes e pecados (FOUCAULT, 1975). É difícil para nosso modo atual de conceber a loucura, pautado pela racionalidade médica, compreender essa categoria que se constitui a partir da relação (ou do embate) da sociedade com sua moral clássica, com alguns de seus integrantes.

O resultado desse confronto é a percepção do louco como um “*não-ser*” e a loucura como um fenômeno “*contranatureza*”, sendo esta reduzida ao silêncio e aquele conduzido ao confinamento em instituições em que a medicina ainda não havia chegado.

Ao final do século XVIII, nova ruptura, outro acontecimento. Este método arqueológico de Foucault de comparar as práticas discursivas permitiu reconhecer a emergência de um elemento ainda não presente. Como fruto da rede de determinações contingentes ao momento histórico, vê-se o *nascimento do manicômio* e o surgimento da percepção da loucura como *doença mental*. Isto significa dizer que não é possível falar de doença mental antes deste período.

Neste mundo da internação que congrega indivíduos muito distintos, o devasso, o doente venéreo, a prostituta, o blasfemador, o feiticeiro, o sodomita, o irracional, o alquimista, opera-se um modo de dominação sob a forma da correção dos vícios, dos erros, dos pecados. No entanto, um certo grupo de pessoas se mostra rebelde a este poder retificador: trata-se do grupo dos loucos. Este personagem é indiferente ao esforço de incorporação da moral burguesa que sobre ele se impõe. Não se trata de uma rebeldia pensada, intencional, mas uma revelia resultante de uma não compreensão, de certa insubmissão às normas. Aquelas regras não lhes fazem sentido, não lhes dizem respeito. A loucura mostra-se então como uma forma de resistência, um contrapoder que não se submete a dominação e cria uma possibilidade outra de existência que escapa a ordem moral. O louco vai se diferenciando, portanto, dos outros internos e a loucura torna-se passível de identificação por não sujeição às normas da sociedade (FOUCAULT, 2003).

Os outros internos do Grande Enclausuramento começam a se perceberem distintos dos loucos

e a protestar. Surge toda uma série de críticas e denúncias em relação a estas práticas arbitrárias de reclusão. Críticas internas, daqueles que não querem se reconhecer como iguais a estes insanos e críticas externas, de ordem econômica, que colocavam a internação como uma forma inadequada de se lidar com o problema da pobreza e do desemprego. Tais críticas vão resultar em movimento de abolição do internamento, mas não para o louco (FOUCAULT, 2003).

É assim que estas casas até então reservadas a toda sorte de pessoas desarrazoadas, vai paulatinamente ficando reservada apenas aos loucos. Estes vão se tornando os herdeiros naturais do processo de internação, os “*titulares privilegiados das velhas medidas de exclusão*” (FOUCAULT, 1975 – p. 81). Foucault vai mostrando, desta maneira, como se produziu historicamente uma evidência, que perdura até hoje, de que loucura e internação seriam coisas intrinsecamente relacionadas (verdade produzida em determinado jogo de poder).

Esta associação tão estreita entre loucura e internamento prepara o terreno para o surgimento da psiquiatria. A exclusão agora adquire um novo significado: torna-se medida de caráter médico. Este espaço reservado exclusivamente ao louco é o asilo, ou o manicômio.

É celebre a cena, retratada pelos pincéis de Charles Louis Muller, de Pinel mandando desacorrentar os loucos no hospital de Bicêtre. Esta imagem constituiria, aos olhos de muitos que se propõem a contar a história da medicina, o ato fundador da psiquiatria. Seria, a partir desta perspectiva, ao mesmo tempo uma libertação, uma ação de humanização e enfim, o surgimento de uma ciência positiva sobre a loucura.

No entanto, ao invés desta narrativa que apresenta o evento triunfante do surgimento um novo campo, as análises de Foucault permitem que se veja outra coisa: um refinamento da dominação sobre a loucura. Pinel, segundo o autor, não rompeu com as antigas práticas de internação, mas ao contrário, fez com que elas se afunilassem em torno do louco. Neste habitante solitário da nova instituição, em sua conduta irreduzível, que não compreende as normas e não se presta ao trabalho, em sua insubmissão e resistência, os olhares atentos do alienista “descobre” uma doença. Mas não qualquer doença, trata-se de uma doença da mente (FOUCAULT, 2003).

A noção de doença, que até então era pensada como algo alojada no corpo, agora pode ser entendida como algo que se abriga na alma do indivíduo. A loucura passa a ser concebida como interioridade psicológica por meio de ações que incidem sobre o louco e sobre sua conduta. Estas ações que visam regular as atitudes do louco, pretendem-se terapêuticas. Em outras palavras, trata-se de uma *medicalização da loucura*. O mesmo ato que visa produzir uma normatização da conduta do louco, o transforma em objeto de estudo. O louco para ser disciplinado, precisa ser vigiado. Cabanis, ou mesmo Pinel, sugerem um diário de observação em que se anote as mínimas manifestações do alienado. Comportamentos são descritos e arrolados. Estes comportamentos são entendidos em termos de sinais e sintomas de um padecimento do espírito. O internamento cria uma relação institucional entre o louco e quem dele cuida. Por ser vigiada e controlada, a loucura é perscrutada por um olhar, tido como neutro, que agora conhece a loucura, ou seja, descobre sua natureza. Se o louco se torna objeto, o vigia transforma-se em sujeito do conhecimento (FOUCAULT, 2003).

Talvez esta seja uma das principais conclusões das análises de Foucault (2003). Ou seja a ideia de que a loucura, entendida como doença mental, é uma construção com múltiplas determinações que data do início do século XIX e que é simultânea ao nascimento da psiquiatria.

Um dos principais representantes deste novo campo do conhecimento, Samuel Tuke estabelece na Inglaterra um espaço onde o louco deveria sentir-se em casa, rodeado de uma espécie de família. Trata-se de uma fazenda afastada da cidade, sem barras e grades nas janelas. Se ele se encontra no interior de família, ele deveria, portanto, se adequar aos regramentos dela. É submetido a um contínuo controle social e moral. O tratamento teria como objetivo reintroduzir no louco os sentimentos de dependência, humildade, culpa, reconhecimento. Para tanto, serão utilizadas ameaças, castigos, privações alimentares, humilhações, ou seja, tudo o que atender a meta de *infantilizar e culpabilizar* o louco. (FOUCAULT, 1975)

Phillipe Pinel na França, lança mão de recursos semelhantes aos de Tuke depois de “libertar os acorrentados” em Bicêtre em 1793. Se se extinguiram as coerções físicas, instaura-se ao

redor do louco todo um encadeamento moral; o alienado deveria ter todos seus gestos vigiados, seus anseios e ambições deveriam ser rebaixados, desvalorizados, deslegitimados, seu delírio deveria ser desmentido, contradito. A punição corretiva deveria ser aplicada após qualquer desvio em relação a conduta considerada correta, ou melhor, normal. E de onde advém a referência para a conduta adequada? Da própria personalidade do médico. No manicômio, suas observações, suas anotações detalhadas e suas intervenções visam menos um efeito terapêutico e mais um controle ético. Nesta instituição, o alienista é o “agente das sínteses morais” (FOUCAULT, 1975 – p. 82).

No enclausuramento, agora restrito ao louco, tem-se o espaço de ação do tratamento moral. Pinel ao chegar a Bicêtre se depara com os indivíduos aprisionados. Um deles era um antigo eclesiástico que por sua loucura havia sido expulso da igreja. Tomado por um delírio de grandeza, acreditava-se o próprio filho de Deus, Jesus. Como sabia que estava revivendo a Paixão de Cristo, mostrava-se resiliente, mesmo estando acorrentado há doze anos. “Suporta com paciência esse longo martírio, e os contínuos sarcasmos a que sua mania o expõe” (PINEL apud FOUCAULT, 2002 – p. 489). Este era uma das maneiras pelas quais o louco resiste, mesmo a uma força que o domina por meio de grilhões de ferro. Sua magnificência inabalável e irreduzível é o ponto de resistência sobre o qual se exerce um esforço de dominação. Esforço que fracassa fragorosamente. Eis que a balança deste jogo de força vai se alterar por meio de um golpe de astúcia. Pinel manda que se liberte este indivíduo e ordena

“[...] expressamente que todos imitem sua reserva e não dirijam uma única palavra a esse pobre alienado. Essa proibição, observada rigorosamente, produz sobre esse homem tão cheio de si mesmo um efeito bem mais sensível que as correntes e a cela; sente-se humilhado pelo abandono e pelo novo isolamento em meio a sua plena liberdade. Finalmente, após longas hesitações, de vontade própria se mistura à sociedade dos outros doentes; a partir de então, retorna a ideias mais sensatas e mais justas.” (PINEL apud FOUCAULT, 2002 – p. 490)

No livro *História da Loucura*, Foucault propõe uma divisão histórica em três períodos: Renascimento, época clássica e modernidade. Apresenta também, o que seriam para ele dois momentos de ruptura, dois acontecimentos: o grande enclausuramento e a construção social da noção loucura enquanto doença mental. A obra vai desnaturalizar nossas certezas por meio da historicização da loucura. Isto significa dizer que o surgimento da concepção de que loucura é uma patologia da mente *não é a descoberta de uma verdade, mas sim, como dissemos, uma construção determinada por processos históricos e práticas sociais e que é simultânea ao surgimento de um novo campo que é a psiquiatria*. Significa também dizer que a emergência desta área médica é menos o resultado de uma descoberta sobre a essência da loucura e mais o casamento entre as práticas médicas e as práticas de confinamento que recaíram sobre o indivíduo louco. Usando as palavras de Roberto Machado (2007 – p. 87): “[...] o que demonstra Foucault é que o saber sobre a loucura não é o itinerário da razão para a verdade [...], mas a progressiva descaracterização e dominação da loucura para sua integração cada vez maior à ordem da razão.”

A partir do exposto, podemos dizer que a obra do Foucault tem uma importância crucial por facultar a nós a possibilidade de sacudir as evidências. Conhecer a história é conhecer porque pensamos o que pensamos e por que fazemos o que fazemos. Significa poder pensar nossas práticas e é a possibilidade de nos prevenirmos de sermos também agentes de uma atuação que promove exclusões.

O apontamento foucaultiano de que aquilo tido até então como uma evidência (que a loucura seria uma doença mental) é na verdade uma construção social acabou inevitavelmente tendo efeitos no emergente movimento da antipsiquiatria nos anos 60 e 70, assim como na oposição à opressão das instituições destinadas a loucura. Como diria Foucault, o recurso à história permite mostrar que “aquilo que é não foi sempre” e que na medida que essas coisas foram feitas, elas podem ser desfeitas, contanto que saibamos como foram feitas.

O lugar hoje da loucura é o lugar da doença que determinada pessoa porta. Se tomarmos algumas marcas da loucura, tais como o delírio,

a alucinação, as alterações de pensamento, poderíamos dizer que o louco acaba por ter mais dificuldade em participar do sentido comum das normas e significações coletivas. Mas caberia a nós perguntarmos: não seria possível conceber modos de relações de poder com a loucura que não visasse dominá-la ou silenciá-la?

A reforma psiquiátrica no Brasil surge com a crítica ao asilo e a mercantilização da loucura. Havia denúncias gravíssimas sobre o tratamento dado aos loucos. A reforma representa uma luta pela recuperação da cidadania da pessoa com sofrimento mental. A reforma e o movimento da luta antimanicomial foram aos poucos propondo formas substitutivas de atenção a loucura, fora do hospital psiquiátrico, ou seja, promovendo um processo de desinstitucionalização.

Estes movimentos avançaram sobre o rótulo de doente mental, denunciando seu caráter estigmatizante e buscando operar uma ruptura com o antigo modelo epistemológico “coisificante”, classificador, que vê o louco como uma espécie de “menor” a ser tutelado ou então como o portador de periculosidades. Influenciados pelas ideias de Foucault, mas também de autores como Basaglia, passou-se a considerar que a reforma psiquiátrica não poderia ser só uma reforma de serviço. O problema não é só que a instituição é má administrada, falta remédio, é muita gente, não tem comida. Mostrou-se que a reforma psiquiátrica é um processo social complexo, que implica transformações em diversas dimensões: teórico-conceitual, técnico-assistencial, jurídico político e sociocultural (AMARANTE, 2013).

O processo de desinstitucionalização implica, portanto: redução de leitos em hospitais psiquiátricos por meio de mecanismos claros, eficazes e seguros; construção de cuidado comunitário contínuo e qualificado, promovendo atenção integral e transformações culturais e subjetivas na sociedade. Isto implicou, entre outras coisas, dar visibilidade ao louco, em especial por meio de sua produção artística (AMARANTE, 2013).

Assim, o pensamento foucaultiano, por suas características foi um dos promotores de questionamentos e rupturas no modo de tratar a loucura. Criou a possibilidade de pensarmos formas de relação com a loucura que não sejam simplesmente meios de curá-la ou extingui-la.

REFERÊNCIAS

AMARANTE, P. **Conversando sobre o SUS - Saúde Mental e o processo da reforma psiquiátrica brasileira** (10 de outubro de 2013). Instituto de Psicologia da USP. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sR-e7n0huHc> Acesso em 24/06/2024.

DESCARTES, R. **Meditações**. Coleção Os pensadores, volume XV. Abril S.A. Cultural e Industrial, São Paulo, 1973.

FOUCAULT, M. A loucura só existe em uma sociedade (1961). In: FOUCAULT, F. Ditos e Escritos I: **Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise**. 2ª. ed. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2002.

_____. **Doença mental e psicologia**. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1975.

_____. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 8ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

_____. Estruturalismo e pós-estruturalismo (1983). In: FOUCAULT, F. **Ditos e Escritos II**: Arqueologia das ciências e História dos Sistemas de Pensamento. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2000.

_____. **História da Loucura**. 7ª. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.

_____. **História da Sexualidade II**: o uso dos prazeres. 13ª. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2012.

GUIRADO, M. **A análise institucional do discurso como analítica da subjetividade**. Prefácio de Dominique Maingueneau. Apresentação de Sérgio Adorno. São Paulo: Annablume, 2010.

MACHADO, R. **Foucault, a ciência e o saber**. – 3ª. ed. rev. e ampliada. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

MOREY, M. Introduccion: La cuestión del método. In: FOUCAULT, M. **Tecnologías del yo y otros textos afines**. Barcelona, Ediciones Paidós Ibérica, 1990.

OKSALA, J. **Como ler Foucault**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.